

ARTIGO

SUBJETIVIDADE,
INDIVIDUAÇÃO
E ESCRITA DE SI
APROXIMAÇÕES TEÓRICAS
ENTRE MICHEL FOUCAULT
E CARL GUSTAV JUNG

PEDRO RAGUSA

Universidade Estadual de Ponta Grossa
Ponta Grossa | Paraná | Brasil
pedroragusa@yahoo.com.br
orcid.org/0000-0001-7564-0975

ALFREDO DO SANTOS OLIVA

Universidade Estadual de Londrina
Londrina | Paraná | Brasil
alfredooliva@yahoo.com.br
orcid.org/0000-0002-1071-6016

A escrita de si – conceito que oferece significado para um gênero narrativo em que um narrador em primeira pessoa se identifica explicitamente como o autor biográfico – se delinea como um exercício literário típico da modernidade. Nessa pesquisa a abordagem teórica de Michel Foucault sobre as práticas de si foi correlacionada ao campo teórico definido por Carl Gustav Jung sobre sua subjetividade autobiografada. Para objetivar a subjetividade através da escrita de si, a problemática dessa pesquisa foi desenvolvida com o seguinte objetivo: estabelecer a aproximação e o confronto entre dois campos teóricos que mobilizaram de maneira específica o tema da subjetividade a partir de um diálogo entre Michel Foucault e Carl Gustav Jung.

sujeito – subjetividade – escrita de si

ARTICLE

SUBJECTIVITY,
INDIVIDUATION
AND SELF-WRITING
THEORETICAL
APPROACHES BETWEEN
MICHEL FOUCAULT AND
CARL GUSTAV JUNG

PEDRO RAGUSA

Universidade Estadual de Ponta Grossa
Ponta Grossa | Paraná | Brazil
pedroragusa@yahoo.com.br
orcid.org/0000-0001-7564-0975

ALFREDO DO SANTOS OLIVA

Universidade Estadual de Londrina
Londrina | Paraná | Brazil
alfredooliva@yahoo.com.br
orcid.org/0000-0002-1071-6016

The self-writing – a concept that offers meaning to a narrative genre in which a first-person narrator explicitly identifies himself as the biographical author - is outlined as a literary exercise typical of modernity. In this research, Michel Foucault's theoretical approach to self-practices was correlated to the theoretical field defined by Carl Gustav Jung about his autobiographical subjectivity. In order to objectify subjectivity through self-writing, the problem of this research was developed with the following objective: to establish the approximation and confrontation between two theoretical fields that specifically mobilized the subjectivity subject from a dialogue between Michel Foucault and Carl Gustav Jung.

subject – subjectivity – self-writing

INTRODUÇÃO

As escritas de si, ou narrativas autobiográficas, constituem uma rica documentação para pesquisas historiográficas quando a investigação histórica busca conhecer formas e práticas de subjetividade em um passado individual e social. Se em um passado recente essas escritas estavam restritas aos estudos literários, em nossa atualidade a escrita de si vem se constituindo como um campo de interesse para a pesquisa historiográfica.¹ O atual interesse acadêmico no interior das ciências humanas sobre as escritas de si tem possibilitado aos estudiosos dessa temática explorar os textos auto narrativos como gênero literário autônomo e reconhecido no campo literário (Galle 2009, 12-13).

Os campos de estudos acadêmicos como a historiografia contemporânea, a psicologia, a sociologia e os estudos literários, encontram nas escritas de si uma importante e necessária documentação para delimitar e problematizar “objetos” como o *sujeito*², assim, por meio da relação tripla entre autor-vida-obra é possível problematizar como o sujeito desenvolve práticas de *subjetivação*³ na composição e modificação histórica de si mesmo ao escrever sobre si (Castro 2004, 408).

No interior dos escritos de Michel Foucault sobre a ética do cuidado de si⁴, a escrita de si aparece como importante tema para a investigação do sujeito histórico por meio da problematização sobre a produção e a modificação das formas de subjetividade (Lejeune 2008, 14)⁵. Carl Gustav Jung não escreveu ou teorizou sobre a escrita de si, mas abriu um campo teórico sobre a subjetividade com seus escritos técnicos e também deixou uma importante documentação sob a forma de autobiografia, além de centenas de cartas que revelam experiências singulares sobre os processos de subjetividade vividos pelo analista suíço.

Entre as diversas abordagens possíveis para objetivar a subjetividade através da escrita de si, a problemática dessa pesquisa foi animada pelo seguinte objetivo: estabelecer a aproximação e o confronto entre dois campos teóricos que mobilizaram de maneira específica o tema da subjetividade. Desse modo, a abordagem teórica de Michel Foucault sobre as práticas de si foi correlacionada ao campo teórico definido por Carl Gustav Jung sobre sua subjetividade

¹ Cabe destacar o grupo de pesquisa coordenado por um de nós, Alfredo dos Santos Oliva, sobre as escritas de si do psiquiatra Carl Gustav Jung, como também sobre o pintor Vincent Van Gogh.

² A noção empregada sobre o termo sujeito se refere à conceituação moderna do termo, isto é, a compreensão do sujeito enquanto ser pensante e autônomo em sua relação com o real a partir de sua consciência pensante e racional.

³ De acordo com Castro, o termo *subjetivação* foi introduzido por Michel Foucault na perspectiva de se realizar uma história da forma-sujeito, isto é, uma história dos modos de *subjetivação* que permitem a compreensão das práticas que constituem a vida dos indivíduos.

⁴ O conjunto de seus escritos nesse período foi constituído pelos cursos no *Collège de France* ministrados a partir de 1980, “Subjetividade e verdade” 1980-1981, “Hermenêutica do sujeito” 1981-1982, “O governo de si e dos outros” 1982-1983, “A coragem da verdade” 1983-1984 e pelo segundo e terceiro volumes da “História da sexualidade”, denominados, respectivamente, de “O uso dos prazeres” e “O cuidado de si” ambos publicados pela primeira vez em 1984. O volume 2, “O uso dos Prazeres”, enfocou a cultura grega clássica do século IV a.C., enquanto o volume 3, “O cuidado de si”, tratou da mesma problemática e das mesmas questões no Império Romano e nos primeiros séculos da era cristã.

⁵ Lejeune define a autobiografia como uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade”. Segundo o teórico francês, para existir qualquer gênero de literatura íntima (autobiografia, diário, autorretrato, auto ensaio, memórias) é necessário haver uma relação de identidade onomástica entre autor (cujo nome está estampado na capa), narrador e a pessoa de quem se fala.

autobiografada. Partimos do pressuposto de que para ambos os autores, a escrita de si integra um campo teórico sobre a subjetividade, seja em nível experimental e psíquico com o processo de individuação descrito por Jung, ou como fez Michel Foucault, com uma perspectiva ética sobre os modos históricos de subjetivação por meio de sua genealogia das práticas de si.

O SUJEITO EM FOUCAULT: EXPERIÊNCIA, VERDADE E SUBJETIVIDADE

Esta seção tem como objetivo apresentar alguns aspectos da problematização feita por Michel Foucault sobre os modos de construção histórica da subjetividade, especificamente nos interessa mostrar como a produção da subjetividade desenvolvida por meio de práticas de si como a escrita, foi tematizada no interior de uma analítica sobre o sujeito na antiguidade helenística (Foucault 2017, 297)⁶.

Genericamente, os escritos de Foucault podem ser delimitados por eixos temáticos através de seu interesse pela constituição dos discursos sobre os saberes que incidem sobre o sujeito (arqueologia), sobre relações de saber-poder-corpo entre indivíduos e instituições que atravessam e disciplinam o sujeito (genealogia) e os estudos referentes às práticas de si (ética do cuidado de si). No caso dos últimos estudos, vemos a forma pela qual o sujeito realiza um trabalho sobre si mesmo, o que pode muito bem ser designado como uma estética da existência. Durante a trajetória de seus escritos e de seu pensamento, Michel Foucault dedicou grande parte de suas pesquisas – sobretudo em fins dos anos setenta e início dos anos oitenta – a problematizar as maneiras pelas quais os indivíduos se transformaram em sujeitos, isto é, como foram os processos de subjetivação histórica que possibilitaram o aparecimento e a modificação da subjetividade (Foucault 2009, 9).

No interior desse programa de produção literária sobre o sujeito, a escrita de si aparece como tema de interesse nos escritos do início dos anos 1980 realizados por Foucault (Foucault 2010).⁷ Em sua fase de pesquisa conhecida como estudos genealógicos, o filósofo deslocou seu interesse pelo sujeito como efeito de linguagem em um processo de cooptação exterior pelo discurso, para desenvolver uma analítica sobre o sujeito a partir de sua *doxa profunda*, isto é, por uma perspectiva sobre sua interioridade (Deleuze 2005, 10). Cardoso Júnior, aponta uma importante questão sobre esse deslocamento: “Estaria Foucault se desmentindo, ou se retratando ao tematizar o sujeito, o homem, que ele havia tão veementemente negado?” (Cardoso Junior 2005, 343).

A resposta a essa questão foi dada em uma entrevista concedida a Dreyfus e Rabinow em 1982. Na ocasião, Michel Foucault definiu o caráter de sua produção intelectual nos últimos vinte anos. Ao contrário do que pensavam seus críticos, o filósofo deixou claro que não foi o grande objetivo de suas pesquisas desenvolver uma teoria sobre o fenômeno do poder, mas sim, “criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres

⁶ Nas palavras do filósofo francês: “Meu atual trabalho trata, doravante, da questão: como constituímos diretamente nossa identidade por meio de certas técnicas éticas de si, que se desenvolveram desde a antiguidade até nossos dias” (Foucault 2017, 297).

⁷ Precisamente nas aulas de 3 de março de 1982 do curso citado, além do texto de 1983 “A escrita de si”, presente no volume V dos seus *Ditos e escritos*. É possível encontrar nos textos do período arqueológico dos anos sessenta um Foucault interessado nas temáticas do discurso, da literatura, da linguagem e da autoria. Dessa maneira, o sujeito e as formas de subjetivação também foram tematizados e problematizados como prática de uma escrita literária de si, decorrentes de subjetivação no interior da problemática sobre o sujeito.

humanos tornam-se sujeitos” (Dreyfus; Rabinow 2010, 273). A problematização sobre o sujeito e a noção de subjetividade histórica correspondem à característica mais marcante sobre o pensamento e os escritos foucaultianos. De maneira geral, seu trabalho e as subsequentes fases ou eixos de problematização podem ser compreendidos na seguinte perspectiva:

O primeiro são os modos de investigação, que tentam atingir o estatuto da ciência, como, por exemplo, a objetivação do sujeito no discurso da gramática geral, na filosofia e na linguística. Ou, ainda, a objetivação do sujeito produtivo, do sujeito que trabalha, na análise das riquezas e na economia. Ou, um terceiro exemplo, a objetivação do simples fato de estar vivo na história natural ou na biologia. Na segunda parte do meu trabalho, estudei a objetivação do sujeito naquilo que chamarei de “práticas divisoras”. O sujeito é dividido no seu interior em relação e em relação aos outros. Exemplos: o louco e o são, o doente e o sadio, os criminosos e os “bons meninos”. Finalmente, tentei estudar – meu trabalho atual – o modo pelo qual um ser humano torna-se ele próprio um sujeito. Por exemplo, escolhi o domínio da sexualidade – como os homens aprendem a se reconhecer como sujeitos de “sexualidade” (Foucault 2010, 274).

Para delimitar o sujeito em seus escritos genealógicos, Foucault propôs-se a escrever uma genealogia do poder, isto é, fazer uma análise sobre a subjetividade a partir da descrição das “práticas pelas quais os indivíduos foram levados a prestar atenção a eles próprios, a se decifrar, a se reconhecer e se confessar como sujeitos de desejo” por meio do dispositivo de sexualidade (Foucault 2009).

Quando Foucault apresentou entre 1981-1982 o curso *A hermenêutica do Sujeito*, cujo conteúdo corresponde às temáticas dos dois volumes finais sobre a história da sexualidade, percebemos uma mudança em sua trajetória e maneira de problematizar o sujeito. A temática sobre o sujeito até então, fora desenvolvida pelas relações discursivas e não-discursivas entre saber-poder, marca de seu pensamento e de seus escritos até o primeiro volume de história da sexualidade. Assim, não se tratava mais do apagamento do sujeito e de sua determinação por estruturas e instituições exteriores, mas, de uma analítica sobre as práticas de subjetivação, isto é, de si mesmo (Cardoso Junior 2005, 344).

Para o filósofo, o sujeito não é uma substância, mas, um fluxo. Porém, esse fluxo também não é idêntico a si mesmo, isto é, o sujeito não tem consigo próprio o mesmo tipo de relação enquanto sujeito político e enquanto sujeito de uma sexualidade. Em cada relação que estabelece, o sujeito se posicionará de uma forma diferente assumindo diferentes funções (Foucault 2013). Há, então, várias formas para a subjetivação conforme as relações que o sujeito estabelece com os diversos “jogos de verdade” (Foucault 2010). Portanto, o que interessou a Foucault foi realizar a problematização histórica dos modos de subjetivação pela forma-sujeito (Castro 2004, 406).

Da analítica foucaultiana sobre o sujeito, ele chega à temática das *práticas de si e tecnologias de si*. A analítica das práticas de si na antiguidade correspondeu ao “demarcador” histórico para desnaturalização da ideia de uma experiência subjetiva universal e essencialista na condição humana. Dessa maneira, Foucault pôde mostrar, através de sua perspectiva descontínua sobre a história, que os nossos modos de subjetivação moderno e contemporâneo em nada se assemelham ao daquela época. Logo, esse denso objeto de estudo – a subjetividade – possui uma história não linear a partir das práticas individuais e sociais, que o filósofo buscou mapear partindo do retorno ao mundo grego, passando pela era cristã medieval e a análise das práticas confessionais, até chegar

às transformações que marcaram a configuração do sujeito na modernidade (Foucault 2017, 261-264).

Ao analisar os modos de subjetivação como processo de experiência e construção da subjetividade com a prática de exercícios de si sobre si, Michel Foucault, atribui a um conjunto de práticas vivenciadas na antiguidade greco-romana compreendidas como formas de cuidar de si mesmo através de uma “estética da existência”. Experimentar a si mesmo, na realidade, significa desenvolver modos de viver e produzir a si mesmo com caráter voluntário, e pelo qual os indivíduos fixam regras de conduta e modificam-se fazendo de sua vida uma obra portadora de valores estéticos (Foucault 2009, 17-19).

[...] um conjunto de práticas que, certamente, tiveram uma importância considerável em nossas sociedades: é o que se poderia chamar “artes de existência”. Deve-se entender, com isso, práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo (Foucault 2009, 15).

Foucault sustentou que na Antiguidade não havia um conhecimento de si mesmo ancorado numa “hermenêutica de si”, ou seja, na busca por uma revelação de um “eu” como morada da verdade sobre si (Foucault 2011, 49-59). A hermenêutica da subjetividade entre os antigos apontou para uma “estética da existência”, isto é, uma construção de si a partir da relação e dos ensinamentos entre mestres e discípulos, seria por meio dessa interação que o discurso sobre a verdade poderia emergir e modificar as práticas de subjetividade. Nesse sentido, a prática fundamental desenvolvida na antiguidade foi atravessada pela noção de *cuidar de si mesmo* como forma de cuidar da alma e da cidade, do outro.

Como veremos, no curso *A Hermenêutica do Sujeito*, a escrita de si foi uma dentre diversas práticas de si responsáveis pelos processos de subjetivação na antiguidade greco-romana e cristã. A escrita de si correspondeu a um exercício ético-político enquanto experiência para produção da subjetividade, foi compreendida pelo filósofo como uma importante “prática de liberdade”, convertida na modernidade em gênero literário, e pelo qual é possível expressar como se deram as práticas de subjetividade que constituem as experiências do sujeito-autor (Dreyfus; Rabinow 2010, 316-322).

ESCREVER E NARRAR SOBRE SI MESMO: A SUBJETIVIDADE NA ESCRITA DE SI

A noção de escrita de si aparece na produção intelectual de Michel Foucault especificamente em dois textos já citados: *A escrita de si* e *A Hermenêutica do Sujeito*, um texto e um curso em que a amplitude do conceito de escrita de si pode ser alcançada através de uma problematização sobre a subjetividade. Ambos foram produzidos na última fase do trabalho do filósofo, dedicada aos estudos éticos sobre a composição da subjetividade ocidental no período greco-romano e início da era cristã. A escrita na antiguidade prescreveu os códigos morais e de conduta para as relações entre os indivíduos e também sobre si mesmo, determinando e disciplinando o corpo e a mente por meio de técnicas de si, isto é, pelas práticas de subjetivação orientadas para a interiorização.

No pequeno texto de 1983, *A escrita de si*, Foucault mostra como o ato de escrever sobre si mesmo, seja para si ou para o outro, constituiu um dentre os muitos exercícios (*askêsis*) e técnicas vivenciadas na antiguidade greco-romana no processo de cuidar de si mesmo e de fabricar a si mesmo. Ou seja, a escrita desempenhou entre os antigos uma função ética no movimento de transformação da subjetividade de um indivíduo em busca da verdade interior, seja como autoconhecimento ou como forma de conduzir a própria vida numa perspectiva estética.

Em todo caso, seja qual for o ciclo de exercício em que ela ocorre, a escrita constitui uma etapa essencial no processo para o qual tende a toda a *askêsis*: ou seja, a elaboração dos discursos recebidos e reconhecidos como verdadeiros em princípios racionais de ação. Como elemento de treinamento de si, a escrita tem, para utilizar uma expressão que se encontra em Plutarco, uma função etopoiética: ela é a operadora da transformação da verdade em *ethos* (Foucault 2004, 144).

Precisar a data exata de origem do gênero literário chamado de escrita de si é uma tarefa complexa. Assim, Michel Foucault estabeleceu um recorte histórico para objetivar a escrita de si entre o período do século IV a.C, até os dois primeiros séculos da era cristã. Nesse período de quase quinhentos anos, o filósofo localizou o tema da escrita e mostrou através de importantes textos da antiguidade, como a escrita de si se tornou um exercício para a constituição de si mesmo no prolongamento da própria subjetividade por meio de um exercício de meditação (Foucault 2010, 320).

Em *A Escrita de si* é retomado e aprofundado o conteúdo de pesquisa apresentado na aula de três de março de 1982, do curso *A hermenêutica do sujeito*. (Foucault 2004, 144-158). O filósofo apresenta o trajeto sobre a maneira de *falar de si* em textos produzidos em meio a cultura greco-romana e que revelam a escrita já concebida como uma prática de si, ou, como *exercícios do eu*. Contextualizando as anotações monásticas como *escritas de si*, Foucault argumenta que esses discursos sobre si, após um longo percurso temporal possibilitaram a emergência discursiva da noção de indivíduo na modernidade, caracterizando um modo de ser nos tempos modernos. O exercício de escrita na antiguidade indica uma "parada" sobre si próprio, mesmo sem estar sempre acompanhada do processo da reflexão filosófica, mas, a partir do uso da memória sobre experiências vividas e situações cotidianas. É um *olhar sobre si* que já começa a se delinear, não com o objetivo de uma "descrição de si", mas com o de "...de reunir o já dito, de agrupar o que foi ouvido e lido e tudo isto com o objetivo que nada mais é do que a constituição de si" (Dreyfus; Rabinow 2010, 272).

No curso ministrado no Collège de France em 1982 intitulado *A Hermenêutica do Sujeito*, Michel Foucault quer investigar a relação entre subjetividade e verdade, precisamente, "em que forma histórica as relações entre "sujeito" e "verdade", elementos que geralmente não se enquadram na análise do historiador se configuram no ocidente"? (Stone 2018, 186). Para levar a cabo essa problematização, o filósofo descreve a constituição do sujeito na antiguidade greco-romana como um processo possibilitado por vivências como: os sonhos, a alimentação, a reflexão, os cuidados com o corpo (sono, exercícios físicos, comida, bebida, excreção, relações sexuais etc.), a interpretação dos sonhos, a meditação, e, inclusive, a escrita.

Assim, esse núcleo de experiências e relações delimita a produção da subjetividade sobre si mesmo por meio de uma “busca” pela verdade no interior da relação entre mestre-discípulo, vivenciadas em um campo específico de experiências e enquadrada no contexto geral dos “cuidados de si mesmo”, isto é, o *epimeleia heautou* (Foucault 2004, 144).

Foucault indicou que a escrita deve ser compreendida como um procedimento também capturado pelas malhas do poder e que, além de inscrever a linguagem no papel, marca uma forte e profunda subjetividade no interior do indivíduo que escreve, em sua alma. Dessa maneira, como já discorremos acima, experiência, subjetividade e verdade estabelecem uma correlação que possibilita demarcar uma história, ou melhor, uma genealogia sobre a produção da subjetividade do indivíduo através das práticas que remetem a busca pela verdade sobre si, o que constitui uma forma de experiência histórica que pôde ser problematizada enquanto tema nos últimos escritos de Foucault.

Contudo, é importante deixar claro que a prática da escrita de si como ato de liberdade e de constituição de si não pode ser desligado da prática de leitura, nem da experiência de mediação da consciência através da incorporação de textos que serão posteriormente o referente linguístico para uma escrita de si sobre a própria vida. A leitura recolhe o sentido-significativo do texto, ou seja, a leitura constitui o corpus pelo qual o processo posterior de escrita será realizado ao narrar a si mesmo, o filósofo Epiteto advertia: “*é preciso escrever (graphéim)*” (Foucault 2010, 320).

Ademais, facilmente compreendemos que, sendo a leitura assim concebida como exercício, experiência, e não havendo leitura senão para meditar, a leitura seja imediatamente ligada à escrita. Daí um fenômeno de cultura e de sociedade seguramente importante na época de que lhes falo: o lugar relevante [aí] assumindo pela escrita, a escrita de certo modo pessoal e individual (Foucault 2010, 320).

Tanto em *A Escrita de Si*, como no curso *A Hermenêutica do Sujeito*, Foucault descreve os *hypomnemata*, espécie de cadernos que possuíam textos escritos na antiguidade que referentes a memórias, conhecimentos acumulados e experiências vividas. A leitura desses cadernos em muitas ocasiões demarcou uma prática de meditação auto narrativa, isto é, uma prática de escrita de si destinada a modificação e ao aperfeiçoamento de si-mesmo por meio do pensamento reflexivo e voltado para uma relação com nossa interioridade, como também com relação aos outros (Foucault 2004, 141-158).

De fato, os *hypomnemata* foram definidos por Foucault como uma técnica, uma prática, e não necessariamente uma forma de escrita sobre si e ou um gênero literário como uma autobiografia, pois se trata mais de colocar em circulação dizeres sábios e ensinamentos morais que podem ser anotados em cadernos e “publicados” pela cidade para serem conhecidos e memorizados. Assim, mais do que constituir uma narrativa sobre si, os *hypomnemata* representaram uma técnica literária que através de uma genealogia das práticas permitem localizar um lugar de começo a determinada prática, ou até mesmo uma ruptura instauradora de uma nova prática de escrita acessível ao discurso. Nesse sentido é que Foucault delimita os *hypomnemata* como uma *techné*, que tornou possível o indivíduo antigo estar em contato com seus pensamentos e valores morais para cuidar de si mesmo (Foucault 2010, 322-328).

INDIVIDUAÇÃO E ESCRITA DE SI: A SUBJETIVAÇÃO PELO ARQUÉTIPO SI-MESMO

A introdução do conceito de individuação como processo de confronto com os conteúdos do inconsciente e modificação de si por meio da transformação da personalidade é exclusivo de Jung. De fato, a individuação pode ser considerada a chave explicativa de toda sua psicologia (Jung 2016, 212), a experiência mais intensa de sua vida pessoal e o fundamento teórico de toda sua obra: “cheguei ao conceito básico de toda a minha psicologia, o “processo de individuação” (Jung 2016, 184). Embora a individuação tenha sido tematizada nos escritos técnicos relativos à psicologia analítica, foi em sua autobiografia que Jung desenvolveu uma importante problematização sobre a subjetividade humana, pois, no interior desse recorte autobiográfico, encontra-se sua reflexão e análise da individuação a partir de sua própria vida e escrita, isto é, trata-se de uma experiência literária sobre a subjetividade que a um só tempo funde práticas de si e escrita de si.

Neste item será nosso objetivo mostrar como o processo de individuação localizado na autobiografia de Jung, no capítulo *Confronto com o Inconsciente*, serviu de aporte conceitual para a formação de uma importante família conceitual no campo teórico junguiano.

O fio condutor dessa problematização partiu da seguinte hipótese: a individuação, além de experiência psíquica, corresponde ao conceito estabilizador do campo teórico de Jung sobre a subjetividade. O processo de individuação registrado na autobiografia de Jung possui um alicerce teórico que foi desenvolvido durante a produção de sua obra e resultou na constituição de um “dispositivo de subjetividade”.

Explicamos melhor: a individuação, além de um processo subjetivo e pessoal, ocupa um lugar como personagem conceitual central nos escritos de Jung, pois possui uma carga teórica articulada a conceitos como ego, psique, arquétipo, sonho, inconsciente e si-mesmo. Esses conceitos estabelecem uma correlação singular ao formarem um quadro explicativo sobre a construção da subjetividade na perspectiva da psicologia analítica do médico suíço.

Logo de saída, é necessário dizer que, para Jung, o processo de individuação corresponde a um processo de subjetivação por meio de práticas de si, sendo a escrita sobre si uma dessas práticas. Assim, a individuação é um fenômeno psíquico possibilitado por experiências sobre si mobilizadas pelo desenvolvimento da personalidade através de experiências subjetivas que possibilitem o conhecimento do arquétipo si-mesmo (*self*), que para Jung representa o “núcleo” mais fundamental da psique humana e direcionado no processo de individuação por meio do encontro entre consciente e inconsciente (Jung 2016, 272-274; Jung 2016, 212).

Jung relata, tanto em suas memórias como em textos técnicos, como suas revisões sobre a teoria psicanalítica do inconsciente e da teoria da sexualidade desenvolvidas por Freud foram o ponto de partida para o caminho que o conduziu em seu processo de individuação e consequente delimitação da noção do *arquétipo self* (si-mesmo) (Jung, 2011, 15-25). Mas, para compreendermos o alcance e o sentido do conceito de individuação, não basta somente desatar o trabalho de Jung com relação a Freud, antes, é necessário situar e compreender a individuação no interior de um campo teórico que lhe oferta sentido.

Tanto os escritos científicos originários com a pesquisa psicológica de Jung, como também suas experiências vividas e relatadas em memórias autobiográficas, mostram a possibilidade de acesso ao arquétipo si-mesmo como resultado de experiências subjetivas e interiores no caminho da individuação. Durante esse processo, práticas de si como a escrita de sonhos e fantasias, prática artística de pintar mandalas e a busca por uma “interioridade espiritual”, foram registradas pela escrita de Jung como experiências que forneceram a ele o material necessário para experimentar e compreender os processos inconscientes e subjetivos em seu “processo” de individuação. Em *O Eu e o Inconsciente*, Jung fala sobre o *caminho da individuação*, isto é, para além de um conceito sobre a individuação no interior do campo teórico junguiano, a individuação atua como prática de si. Nas palavras de Jung:

Individuação significa tornar-se único, na medida em que por “individualidade” entendermos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que nos tornamos *nosso próprio si-mesmo*. Podemos pois, traduzir “individuação” como tornar-se si-mesmo” (*Verselbstung*) ou “o realizar-se do si-mesmo” (*Selbstverwirklichung*). (Jung 2011, 63).

Por outro lado, estabelecer contato com os conteúdos do inconsciente e realizar o si-mesmo, não significa adotar um estilo de vida e um conjunto de práticas cotidianas orientadas por uma modulação de ações que protagonizam nada mais que mero individualismo, isto é, atribuir ênfase às peculiaridades de uma vida voltada para si em oposição às obrigações coletivas. O processo de individuação, mesmo ocorrendo no interior de um indivíduo, “significa precisamente a realização melhor e mais completa das qualidades coletivas do ser humano” (Jung 2011, 63). A singularidade de um indivíduo não deve ser compreendida como um processo de estranhamento e diferenciação entre os membros de uma coletividade, mas, ao contrário disso, trata-se de uma prática que possibilita o encontro com uma condição universal na experiência humana, a individuação, portanto:

[...] só pode significar um processo de desenvolvimento psicológico que faculte a realização das qualidades individuais dadas, em outras palavras é um processo mediante o qual o homem se torna o ser único que de fato é. Com isso, não se torna “egoísta”, no sentido usual da palavra, mas procura realizar a peculiaridade do seu ser e isto, como dissemos, é totalmente diferente de egoísmo e individualismo. (Jung 2011, 64)

Em *Memórias, Sonhos e Reflexões* é possível perceber a dimensão “viva” e o alcance real do conceito, uma vez que a individuação foi responsável por ofertar um novo sentido para sua vida e até mesmo determinar o rumo existencial de sua personalidade. Em suas memórias, Jung deixou claro que sua posição no campo da psicologia analítica nasceu da avaliação pessoal de seu próprio processo de descoberta e crescimento. No interior desse campo teórico, encontra-se uma importante família conceitual com destaque para alguns termos que foram introduzidos em sua obra influenciados por seu processo de individuação.

De acordo com Jung, no centro da área consciente da psique humana existe o ego que, de fato, é basicamente a própria consciência pessoal: “assim, para que qualquer conteúdo psíquico possa tornar-se consciente terá necessariamente de relacionar-se com o ego” (Silveira 1971, 70). Como veremos adiante, os conteúdos e processos psíquicos que não mantêm relação com o ego

constituem o domínio imenso do inconsciente. Já o termo psique, delimita um campo de experiência muito mais amplo e obscuro, pois representa tanto a parte consciente como a inconsciente de nossa mente, “[...] na psique não existem relíquias mortas. Tudo é vivo [...]” (Jung 2019, 41).

Para ofertar uma compreensão geral da estrutura do inconsciente, Jung recorreu ao conceito de arquétipo. Os arquétipos são conteúdos sem forma, representam uma matéria “viva” e estruturante do inconsciente, são conteúdos de caráter instintivo, sensitivo e simbólico “de certa forma são os fundamentos da psique ocultos na profundidade, ou usando outra comparação, suas raízes afundadas não só na terra, em sentido estrito, mas no mundo em geral” (Jung 2019, 41). Os arquétipos “cobrem” a parte ctônica da psique, isto é, aquela parte ainda ligada a natureza por elos invisíveis e incapazes de serem capturados e compreendidos pela razão.

Também são responsáveis pela emergência de uma cadeia de instintos que expressam através de imagens primordiais a “materialidade simbólica” da natureza. Os conteúdos arquetípicos exercem grande influência sobre o ser humano, pois trata-se da permanência de uma conexão “secreta” que nos objetiva junto ao mundo natural (Jung 2019, 40-41).

Os arquétipos são sistemas de prontidão que são ao mesmo tempo imagens e emoções. São hereditários como a estrutura do cérebro. Na verdade são o aspecto psíquico do cérebro. Constituem, por um lado, um preconceito instintivo muito forte, e por outro lado, são os mais eficientes auxiliares das adaptações instintivas. (Jung 2019, 41).

Ao lermos a autobiografia de Jung com o objetivo de compreender o campo conceitual sobre a subjetividade por meio da dinâmica psíquica dos arquétipos, fica notório o papel que os sonhos exerceram em seu processo de individuação para revelação dos conteúdos do inconsciente. Os sonhos representam uma fonte inesgotável de matéria prima para o desenvolvimento pleno de sua personalidade e para produção de seus escritos. Ademais, além dos sonhos atuarem como “demarcadores” para a produção de conceitos no interior de suas pesquisas, a relação com a vida onírica foi o próprio “pano de fundo” ou o elemento inconsciente com a mais profunda influência em momentos decisivos e marcantes de sua vida e obra: “O sonho representa, pois, uma situação equivalente à realidade, na qual cria uma espécie de vigília. [...] Como fontes de tais realidades conhecemos, por um lado, as sensações corpóreas e, por outro, as figuras arquetípicas” (Jung 2016, 231).

De acordo com a perspectiva de Jung, os sonhos produzem conteúdos reais em nossa psique, mesmo que através de uma linguagem simbólica e não racional. As experiências oníricas também atuam como fonte produtora de sensações que estabelecem correspondência com imagens arquetípicas. O papel dos sonhos sobre a vida psíquica foi descrito por Jung como parte do processo de individuação, isto é, os sonhos possuem formas e conteúdos tão íntimos e subjetivos que, ao refletirem de forma simbólica a vida interior do indivíduo, possibilitam o acesso a conteúdos inconscientes que revelam a sua própria dinâmica. Jung descobriu que a análise sequenciada dos sonhos mostra um “esquema”, eles mostram e “obedecem” a determinadas configurações dos processos que ocorrem no inconsciente e mobilizam nossa subjetividade.

Assim, o reconhecimento da existência dessas configurações oníricas sobre os conteúdos do inconsciente também faz parte do processo de subjetivação/individuação (Jung 2008, 211). A vida onírica cria tendências e esquemas mentais que aparecem, desvanecem-se e tornam a aparecer. O

discernimento dos sonhos e fantasias por meio da análise narrativa e discursiva de produções literárias como contos de fadas, mitos e textos alquímicos, mostram que as imagens arquetípicas produzidas pelo inconsciente constituem a fonte material para as mais diversas produções discursivas na experiência cultural humana. Para Jung, a compreensão desses conteúdos se realiza no processo de individuação com o contato da consciência com o arquétipo si-mesmo (Silveira 1970, 102). Logo, o si-mesmo atua como o elemento arquetípico que expande o inconsciente no limite da consciência e possibilita o processo de individuação conforme seu material torna-se consciente.

No interior desse complexo campo teórico junguiano sobre o processo de individuação, o inconsciente foi conceituado genericamente na psicologia analítica como possuindo duas dimensões. O inconsciente possui uma primeira e menos densa camada, como uma superfície para os conteúdos conscientes e pessoais. Essa camada, por sua vez, repousa em uma camada mais densa e profunda que corresponde ao *inconsciente coletivo*. Os conteúdos provenientes dessa camada mais profunda da psique constituem os arquétipos. Os conteúdos arquetípicos, como dissemos, originários no inconsciente coletivo, possuem características arcaicas, são imagens que acompanham o ser humano desde os primórdios de sua existência. Vejamos como Jung definiu o inconsciente coletivo:

Esta camada mais profunda é o que eu chamei de inconsciente coletivo. Eu optei pelo termo “coletivo” pelo fato do inconsciente não ser de natureza individual, mas universal; isto é, contrariamente à psique pessoal ele possui conteúdos, e modos de comportamentos, os quais são *cum grano salis* os mesmos em toda parte e em todos os indivíduos. (Jung 2014, 12).

Os conteúdos arquetípicos do inconsciente coletivo possuem suas raízes num passado remoto e anterior à invenção da civilização. Uma das formas de conteúdo inconsciente e arquetípico pode ser encontrada nas narrativas míticas e religiosas, as quais correspondem às *representações coletivas*, termo usado por Lévi-Bruhl para descrever figuras simbólicas presentes no imaginário de povos primitivos (Jung 2014, 13-14). No âmago dessa dimensão psíquica chamada de inconsciente coletivo encontra-se o *self*, isto é, o arquétipo cujo conteúdo representa um caminho para plena individuação através da *assimilação do eu interior pelo si-mesmo*, e, dessa maneira, ocorre o processo psíquico de subjetivação de si em uma “alma”, ou uma personalidade global.

Para Jung, o si-mesmo pode ser compreendido como o centro pelo qual emana uma fonte inesgotável de energia psíquica que acompanha a trajetória da humanidade, e, por essa razão, o si-mesmo atua como um arquétipo que contém um conteúdo psíquico comum a todos os indivíduos. Em *Aion: estudo sobre o simbolismo do si-mesmo*, podemos encontrar a seguinte definição:

A circunstância de lidar com a psicologia do inconsciente fez-me deparar com fatos que exigem a elaboração de novos conceitos. Um desses conceitos é o do *si-mesmo (selbest)*. Refiro-me, com isto, não a uma grandeza que venha ocupar o lugar daquela até o momento designada pelo termo eu, mas uma grandeza mais abrangente, que inclua o eu. [...] Esta definição descreve e estabelece, antes de tudo, *os limites do sujeito*. (Jung 2018, 13).

Através desse processo de subjetivação, o homem não deve assumir uma condição subjetiva ainda mais egoísta, mas, ao contrário disso, realizar as peculiaridades do ser individual tem como meta a cooperação com a dimensão coletiva da experiência humana. Nesse sentido, a individuação só pode tornar-se um processo de desenvolvimento psicológico ao potencializar e maximizar as

qualidades individuais, isto é, a individuação atua como processo de subjetivação pelo qual “o homem torna-se o ser único que de fato é” (Jung 2011, 64).

A psicologia contemporânea localiza no ego o conceito de si-mesmo. De maneira diferente, Jung define o si-mesmo como o centro do inconsciente e, ao mesmo tempo, como a totalidade da personalidade (Vieira 2006, 89-100). De acordo com Hall, o conceito relativo ao arquétipo *self* (si-mesmo) pode ser considerado o *menos empírico* entre os conceitos estruturais na obra de Jung, pois, trata-se de um conceito que surge na fronteira daquilo que possa ser clinicamente demonstrado, contudo o termo torna-se útil e possui precisão para descrever a partir de um campo conceitual psi, o que seria de outra maneira indescritível. Para o comentador dos escritos de Jung, “no plano psicológico, o *self* é virtualmente indistinguível do que a tradição denominou Deus” (Vieira 2006, 89-100).

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A INDIVIDUAÇÃO COMO A DOBRA FOUCAULTIANA

Não é possível negar as diferenças entre as formas de problematização presente nos trabalhos de ambos os autores, mas é aceitável encontrar ressonâncias e pontos de contato entre campos teóricos tão díspares. O elo entre Michel Foucault e Jung no interior da temática sobre a subjetividade, apesar de suas distensões, foi posto pela escrita de si mesmo. Assim, a escrita de si constituiu o ponto de inflexão para correlação conceitual entre dois campos teóricos distintos.

Para Foucault, a escrita de si foi um objeto de pesquisa descrito no interior de sua problematização sobre as técnicas de si e sobre o sujeito na antiguidade helenística, dessa maneira, a escrita de si enquanto prática de si pode ser compreendida como a *dobra interior do ser*, uma forma de relação destinada a produzir subjetivação e afeto sob si mesmo (Deleuze 2005, 121). A dobra não é movimento psíquico, isto é, uma projeção mental interior, mas ao contrário disso, trata-se de uma interiorização mediada pelo lado de fora. Isso significa que a dobra do ser é o próprio movimento de subjetivar-se pelas práticas vivenciadas (Deleuze 2005, 105).

A crítica de Foucault sobre a subjetividade é radical. O processo de subjetivação marca um movimento de repetição do diferente, trata-se de um lado de dentro mais profundo que todo o mundo interior e mais longínquo que o mundo exterior, o sujeito é composto por meio de uma abordagem não essencialista e universal sobre *as condições históricas de subjetividade*. Para Michel Foucault o ato de escrita, representa ele mesmo o apagamento do sujeito que escreve, ele escreve-se para ser outro, para ser diferente daquilo que se foi. A subjetividade definida pelas práticas de “cuidar de si mesmo”, resultou da analítica foucaultiana como um conjunto de práticas que revelam a não-identidade do sujeito, os indivíduos por meio de suas práticas históricas estão despossuídos de universalidades e essencialidades.

O processo de subjetivação pela individuação realizado por Jung materializa o movimento de subjetividade cunhado por Foucault como dobra. Ao lermos sua autobiografia, podemos ter contato com a realização dessa *dobra interior* no caminho da personalidade plena, isto é, sua autobiografia representa uma fonte documental sobre a possibilidade real de subjetivação e modificação de si mesmo exercida pela prática da escrita de si. A escrita de si foi incorporada no processo de individuação de Jung e, paralelamente, o médico suíço obteve consciência por meio de determinadas práticas dos conteúdos inconscientes

presente em sua psique. Esse contato com o inconsciente possibilita a compreensão e até mesmo a ressignificação das experiências vividas e, através desse processo, a modificação de sua identidade.

A compreensão de Jung sobre o processo de individuação possibilitou a criação de um dispositivo teórico sobre a subjetividade. A subjetividade de si mesmo, ao ser tematizada pela noção de individuação, além de estabilizar o campo teórico junguiano, mostrou em sua autobiografia uma perspectiva prática e experimental desse processo. Não é possível realizar o processo de individuação sem desenvolver um conjunto de práticas de si que atuam como “um princípio, um arquétipo de orientação e do sentido (para a vida): nisso reside sua função salutar” (Jung 2016, 203). Cabe dizer que a meta da subjetivação via processo de individuação “não é outra, se não a de despojar o si-mesmo dos invólucros falsos da persona” (Jung 2011, 64), a de “gerar um indivíduo psicológico, ou seja, uma unidade indivisível, um todo” por meio da radical transformação de si (Jung 2014, 274).

Michel Foucault e Carl Gustav Jung, mesmo separados pela distância dos limites e expectativas do campo acadêmico pelo qual discursam, “encontram-se” com binômio conceitual subjetivação/individuação, ambos autores são atravessados pelo debate teórico sobre o tema da subjetividade por meio da escrita de si. Foucault descreveu formas históricas de subjetivação e mapeou os “dispositivos de subjetividade” que marcam a cultura ocidental por meio de práticas de si. Já Jung criou um campo teórico no interior da psicologia analítica através de sua própria experiência no processo de individuação.

REFERÊNCIAS

- BARONE, Luciana. Inconsciente, subjetividade e processo de criação. Campinas. *Unicamp-Revista Pitágoras 500*. V. 06. 2014.
- CARDOSO JÚNIOR, Helio Rebelo. Para que serve uma subjetividade? Foucault, tempo e corpo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. Curso de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), v. 18, n. 3, p. 344. 2005.
- CASTRO, Edgardo. *Introdução a Foucault*. Belo Horizonte. Autêntica. 2014.
- CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault: um percurso por seus temas, conceitos e autores*. Belo Horizonte: Autêntica. 2004.
- DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e a da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- FOUCAULT, Michel. In.: MOTTA, M. B. (Org.). O que é um autor? *Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013. (Coleção Ditos e Escritos III).
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In.: MOTTA, M. B. (Org.). *Ética, sexualidade, política*. 3. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017. (Coleção Ditos e Escritos V).
- FOUCAULT, Michel. A tecnologia política dos indivíduos. In. MOTTA, Manoel Barros. *Ética, sexualidade e política*. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017. (Coleção Ditos e escritos V).
- FOUCAULT, Michel. Ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: MOTTA, M. B. (Org.). *Ética, sexualidade, política*. 3. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017. (Coleção Ditos e Escritos V).
- FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 2009.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 2011.
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o Poder (1982). In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e a da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- GALLE, Helmut; OLMOS, Ana Cecília. *Em primeira pessoa: Abordagens de uma teoria autobiográfica*. São Paulo. Ed: Annablume, 2009.
- HALL, James A. *Jung e a interpretação dos sonhos*. São Paulo: Cultrix, 1983.
- HALL, S., Calvin; NORDBY, J., Vernon. *Introdução à psicologia junguiana*. São Paulo. Cultrix, 1993.
- JUNG, Carl Gustav. *Civilização em transição*. Petrópolis: Vozes, 2019.
- JUNG, Carl Gustav. *Memórias, sonhos, reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- JUNG, Carl Gustav. *O eu e o inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- JUNG, Carl Gustav. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- JUNG, Carl Gustav. *Aion: Estudo sobre o simbolismo do si-mesmo*. Petrópolis-RJ. Editora: Vozes. 2018.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte. UFMG, 2008.
- SILVEIRA, Nise. *Jung: vida e obra*. Rio de Janeiro. Jose Álvaro, 1971.
- STONE, Brad Elliot. Subjetividade e Verdade. In: TAYLOR, Dianna (ORG.). *Michel Foucault: Conceitos Essenciais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- VIEIRA. André Guirland. A função da história e da cultura na obra de C. G. Jung. *Revista Aletheia*, n. 23, jan./jun. 2006.

SUBJETIVIDADE, INDIVIDUAÇÃO E ESCRITA DE SI
 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS ENTRE MICHEL FOUCAULT E CARL GUSTAV JUNG
 ARTIGO SUBMETIDO EM 06/07/2020 • ACEITO EM 07/12/2020
 DOI | <https://doi.org/10.5216/rth.vi2.64279>
 REVISTA DE TEORIA DA HISTÓRIA | ISSN 2175-5892



ESTE É UM ARTIGO DE ACESSO LIVRE DISTRIBUÍDO NOS TERMOS DA LICENÇA *CREATIVE COMMONS ATTRIBUTION*, QUE PERMITE USO IRRESTRITO, DISTRIBUIÇÃO E REPRODUÇÃO EM QUALQUER MEIO, DESDE QUE O TRABALHO ORIGINAL SEJA CITADO DE MODO APROPRIADO